

Uma pintura de Diogo de Contreiras em Vila Franca do Campo

FOTOGRAFIAS DE JOSÉ GUEDES DA SILVA/DRAC, 2012



“Lamentação sobre Cristo morto”, de Diogo de Contreiras (em processo de conservação e restauro)

O património artístico açoriano tem-se revelado uma surpresa no que respeita à arte sacra. Uma dessas novidades é a pintura sobre madeira de carvalho que representa a *Lamentação sobre Cristo morto* e incorporou, na origem, o retábulo da capela-mor da igreja de São Miguel Arcanjo em Vila Franca do Campo. Poderá tratar-se de uma encomenda do capitão-donatário D. Manuel da Câmara, a quem coube custear a reconstrução da igreja, destruída pelo terramoto de 1522 que assolou aquela vila e vitimou grande parte da sua população. O investimento na reconstrução da vila envolveu a Fazenda, os donatários e as instâncias da Corte e correu célere, a ponto de já em 1550 se desenvolverem esforços para, com sentido de *aggiornamento* artístico, se encomendar em Lisboa o novo retábulo-mor do templo. Infelizmente, apenas chegou aos nossos dias uma tábua desse conjunto retabular, que se encontrava muito danificada e que recentemente sofreu um processo de beneficiação.

Não se tratou de caso único: à época, foram várias as encomendas de pintura que se fizeram a Lisboa pelo mercado açoriano. Por exemplo, em meados do século XVI, o retábulo da matriz de Santa Cruz da Graciosa foi mandado pintar na capital pelo capitão-donatário D. Álvaro Coutinho, ao chamado Mestre de Arruda dos Vinhos, um anónimo discípulo de Diogo de Contreiras. Foi determinante esse investimento dos capitães-donatários para enriquecer o Ar-

quipélago, ainda que tanto o isolamento e dispersão do território insular, como as cíclicas erupções vulcânicas, condicionassem muito as encomendas de fora, num panorama agravado, ainda, pela pirataria mourisca e berbere que destroçou os recheios de muitas igrejas e capela. É por tudo isto que a existência desse magnífico painel do século XVI de Diogo de Contreiras constitui uma mais-valia para a História da Arte açoriana.

Apesar dos estragos do tempo, a pintura é de excelente qualidade, tanto no desenho das figuras principais como na poética de modelação dos últimos planos, onde se desenvolvem sub-cenas complementares à da lamentação da Virgem Maria, das Santas Mulheres, de Arimateia, de Nicodemo e de São João junto ao corpo de Jesus Cristo, antes da deposição. O pintor recolhido em Lisboa mostra aqui os traços da sua formação renascentista nos modelos utilizados, mas agita-os já, em movimentos caprichosos e poses longilíneas, num deliberado esforço de adequar a composição à novidade maneirista.

A *Lamentação sobre Cristo morto* de Vila Franca do Campo é, por todas estas razões e pelo encanto que produz em observação mais demorada, uma obra de arte deveras significativa do património artístico nacional, em que a transparência do desenho e a finura do tratamento em velaturas se mistura com uma carga muito forte na agitação da cena representada. Nela se mesclam, portanto, a tradição do Maneirismo



de Antuérpia, expresso na minúcia dos segundos planos e no *pathos* das expressões, e as primeiras novidades da *Maniera* italiana, com referências explícitas a um modelo de Giulio Clovio. Em sequência do processo de restauro, a *Lamentação* deixa admirar, depois de removidos os repintes e as camadas de vernizes, um desenho irrepreensível de figuras e carnações. As poses são irrequietas, caprichosas, alteadas, lembrando outras obras de Contreiras, e mostram um progresso evidente na assimilação de novos gostos e soluções plásticas experimentadas nos anos centrais de Quinhentos, e a que os mercados dos Açores não eram alheios. A composição de Clovio atrás citada foi difundida por uma es-

Diogo de Contreiras

Diogo de Contreiras (act. 1521-1567) é considerado uma das mais criativas personalidades da pintura quinhentista portuguesa e um dos iniciadores do Maneirismo em Portugal, antes da geração mais puramente italianizada de Camello, de Venegas e de Gaspar Dias. Senhor de um gosto muito pessoalizado, cedo se libertou das receitas flamenguistas da geração precedente e soube evoluir para uma inspirações italiana tanto no desenho, como na composição e na cor, seguindo o frémio das novas experiências da *Bella Maniera* romana. É autor de peças das mais significativas da “primeira geração maneirista portuguesa”, entre elas a excepcional *Pregação de São João Baptista* exposta no Museu Nacional de Arte Antiga. Tinha atelier a São Domingos, em Lisboa, presumivelmente não longe do de seu primeiro mestre Gregório Lopes. ♦

tampa de Cornelis Cort, que poderia naturalmente chegar ao conhecimento da oficina de Contreiras.

Aquilo que a obra de Diogo de Contreiras nos revela, em alto cume de engenho e marca pessoal de estilemas, é a superação da normatividade renascentista, que se esfuma em prol de uma maior dinamização teatral das composições, como se o anterior modelo flamenguizante estivesse esgotado e fosse no acento da expressão anti-clássica que pudesse radicar um maior dose de espiritualização das cenas religiosas... Estávamos no advento da Contra-Reforma e os debates de Trento conheciam o seu auge. Assim, a audácia formal e a grande capacidade dramática da cena pintada na *Lamentação* de Vila Franca do Campo, com os grupos de personagens que assistem à lamentação junto ao corpo morto de Jesus Cristo, com fundos de atmosferas agitadas e figurinhas que se movimentam nos segundos planos, tornam esta peça uma das obras-primas da pintura antiga nos Açores, e uma das excelentes peças do Maneirismo em Portugal. ♦

VÍTOR SERRÃO
FACULDADE DE LETRAS DE LISBOA
vit.ser@fl.ul.pt

PROMOTOR



Governo dos Açores

SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA
Direção Regional da Cultura